

SESSÕES DO PLENÁRIO

96ª Sessão Ordinária da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 6 de novembro de 2024.

PRESIDENTE: DEPUTADO SAMUEL JUNIOR (Segundo-Secretário)

À hora regimental, 14h45, no relatório de presença, verificou-se o comparecimento dos(as) senhores(as) Deputados(as): Adolfo Menezes, Alan Sanches, Alex da Piatã, Angelo Coronel Filho, Antônio Henrique Júnior, Binho Galinha, Bobô, Cafú Barreto, Cláudia Oliveira, Dr. Diego Castro, Eduardo Alencar, Euclides Fernandes, Eures Ribeiro, Fabíola Mansur, Fátima Nunes, Felipe Duarte, Hassan, Hilton Coelho, Ivana Bastos, Jordavio Ramos, José de Arimatéia, Júnior Nascimento, Jurailton Santos, Kátia Oliveira, Laerte do Vando, Leandro de Jesus, Luciano Araújo, Ludmilla Fiscina, Marcelinho Veiga, Marcelino Galo, Maria del Carmen, Marquinho Viana, Niltinho, Olívia Santana, Pablo Roberto, Pancadinha, Patrick Lopes, Penalva, Radiovaldo Costa, Raimundinho da JR, Robinson Almeida, Rosemberg Pinto, Samuel Júnior, Sandro Régis, Soane Galvão, Tiago Correia, Vitor Azevedo, Vitor Bonfim, Zé Raimundo Fontes e Zó. (50) O Deputado Eduardo Salles encontra-se licenciado.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão.

PEQUENO EXPEDIENTE

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Pequeno Expediente. (**Oradores inscritos**)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Com a palavra o deputado Hilton Coelho.

O Sr. HILTON COELHO: Sr. Presidente, primeiramente quero registrar o lamentável resultado das eleições dos Estados Unidos. Nós temos a vitória de um representante da extrema-direita que infelizmente venceu o processo eleitoral e obviamente abre um momento em que todos os sinais de alerta no mundo se apresentam, porque a barbárie que nós contemplamos, que a nação, por exemplo...

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Deputado Hilton, o senhor vai ficar bem à vontade no seu discurso, mas eu só preciso que antes, porém, V. Ex.^a formalize a presença, porque V. Ex.^a estando ausente não terá como falar, não.

Vou mandar até restabelecer e dobrar o tempo de V. Ex.^a.

O Sr. HILTON COELHO: O.k., muito obrigado, Sr. Presidente.

Então, como eu dizia, é lamentável o resultado, a nosso ver, das eleições nos Estados Unidos.

A forma como esse representante enfrentou, por exemplo, o período da pandemia, sacrificando... tal qual aconteceu com números ainda mais alarmantes de mortos naquele país. A nosso ver, isso deveria ser um sinal de como essa alternativa política encara a própria relação com a vida das pessoas, com a vida no planeta e com barbárie social que hoje se espalha a partir da lógica do capital que ocupa hoje a centralidade do mundo, dividindo o globo em diversas formas de imperialismo, especialmente, em dois blocos: um vanguardado pelos Estados Unidos, junto com a Europa e outro bloco vanguardado pela China, isso aliado à Rússia.

Tudo isso deveria servir... especialmente a trajetória desse último período do drama mundial que nós vivemos com o SARS-CoV, que se alastrou por todo o globo e deixou, principalmente nos Estados Unidos e no Brasil, uma chaga, que, a nosso ver, jamais vai ser esquecida pelas populações, por esses povos.

Infelizmente, o resultado foi esse. Como eu disse, isso acende o sinal de alerta em todo o mundo em relação ao nível de manipulação que essa extrema-direita pode fazer dos fatos. A falta de escrúpulos, a mentira, podem informar processos eleitorais e, obviamente, isso também sinaliza que projetos liberais, como foram representados por Joe Biden, não são alternativas para a maioria da população.

Hoje, a maioria das populações do mundo precisa do fim da barbárie e do enfrentamento à emergência climática. Esses dois grandes, gigantescos, fenômenos só podem ser barrados, a nosso ver, pelo poder dos trabalhadores. A condução direta do destino dos povos pelo poder popular, pelo poder dos trabalhadores, pode representar uma alternativa a esses dois grandes fenômenos.

A acumulação de capital não tergiversa em reafirmar, não tergiversa em dizer que o sistema – em plena pandemia, ao lado de tanta miséria, de tanta fome, de tanta exclusão – gerou também inúmeros bilionários, aliás, aqui no Brasil, inclusive, o número de bilionários cresceu cerca de 40%, enquanto a fome e a miséria da população se alastravam.

Um sistema, uma forma de pensar a economia e o poder, como é a acumulação de capital, que não tem nenhuma vergonha de falar que vai conseguir continuar acumulando e aumentando esse fosso de desigualdade. Também não tem nenhuma vergonha de dizer que o destino da humanidade está comprometido pelas suas ações e que essas ações não vão parar.

Então, para nós, como eu disse, esses são sinais de fortalecimento da barbárie que só podem ser enfrentados pelo poder popular, aqui no Brasil também.

Mas, Sr. Presidente, quero falar de dois elementos que estão relacionados a esse tema também. Primeiramente da situação da educação do nosso estado. Ontem nós recebemos demandas muito importantes sobre o fortalecimento da demanda sobre o problema dos estudantes que precisam das escolas que respondem à população vítima, à população com deficiência.

Possivelmente, nós estamos às vésperas de ver centros – que respondem a essa situação do nosso povo que precisa de uma atenção muito grande – serem fechados, porque as matrículas estão sendo suspensas. Ao mesmo tempo recebemos educadores e educadoras que falaram sobre a possibilidade da redução da carga horária de disciplinas como Sociologia, Filosofia e Artes...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) nos currículos da rede estadual. Eu quero contar com a generosidade da presidência sobre o que me prometeu no início da fala.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Está bem, pode ficar à vontade, deputado.

O Sr. HILTON COELHO: Situações desse tipo, Sr. Presidente, precisam estar lincadas com outro grande problema, a violência.

Eu quero trazer alguns dados aqui do Instituto Fogo Cruzado, que hoje é um instituto respeitadíssimo e que produziu o seu boletim do mês de setembro...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) e trouxe dados alarmantes. Hoje, ainda não finalizado o ano de 2024, Salvador e sua região metropolitana apresentam mais do que o dobro de mortes violentas que a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Eu quero ressaltar o rebatimento que isso tem na área de educação, revelando alguns dados ainda falando de Salvador e da região metropolitana: 81% do ano letivo em Salvador e na região metropolitana é afetado pela violência armada no entorno de suas escolas; 43% dos tiroteios registrados nesse entorno das unidades educacionais ocorrem durante ações policiais; e, em pouco mais de 2 anos, 76% das escolas públicas de Salvador registraram tiroteios em seu entorno.

Bom, esses são dados muito graves que levam, hoje, profissionais, pais, mães e estudantes, a reivindicarem o debate sobre a situação da violência dentro e no entorno das escolas para que a gente possa contribuir com um debate que traga novidades reais em relação à política de segurança pública. Eu falo de um novo modelo de segurança pública para o estado da Bahia.

Sr. Presidente, no último dia 22 nós assistimos à chegada da “Caatinga” à cidade de Salvador prometendo, em nossa avaliação, mais do mesmo. Eu falo, especialmente, da política de massacres que é levada hoje à frente por essa política de segurança pública que trabalha com a noção de que fazer segurança pública é fortalecimento do policiamento ostensivo com o que se chama de acionamento da inteligência policial.

Eu quero diferenciar aqui o que aquelas pessoas que têm um compromisso – desde os policiais especialmente da base das polícias, da polícia investigativa, da polícia ostensiva, os oficiais também, especialistas e lideranças populares – dizem: “As batalhas campais, essa política de massacre, não têm dado certo.” A Bahia, ano após ano, se destaca nacionalmente como o pior estado em homicídios e ações policiais seguidas de morte.

Por quê? Porque se encara a relação de combate ao crime na Bahia hoje como ações de guerra. Não tem jeito, em ações de guerra vão morrer os suportes de soldados

e a população. É por isso que melancólica e espantosamente – eu nem diria mais espantosamente, porque isso já virou rotina – nós contemplarmos crianças, adolescentes, idosos e deficientes físicos sendo alvejados em ações policiais. Isso não pode ser considerado política de segurança pública.

Eu quero concluir, Sr. Presidente, dizendo que um novo modelo de segurança pública passa pela democratização do debate, pelo envolvimento da sociedade, pela valorização, deputado Vitor, da polícia investigativa, pelo envolvimento dos profissionais da segurança pública – principalmente daqueles que estão na base, sejam investigadores, escrivães, sejam praças da Polícia Militar; eles precisam ser envolvidos no debate juntamente com a população.

Para concluir, Sr. Presidente, se fala muito que a ação da Polícia Federal é eficaz. Nós podemos ter todos os questionamentos, mas é, do ponto de vista das ações policiais seguidas de morte, contrastante ver a ação da Polícia Federal, quando nós consideramos principalmente que a Polícia Federal trabalha com um componente que se chama investigação.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para concluir, deputado.

O Sr. HILTON COELHO: Não se fala de inteligência de maneira isolada. O que nós estamos vendo, na Bahia, é uma polícia investigativa que está sendo, cada vez mais, desestruturada. Operações já foram feitas pela nossa Polícia Civil, operações policiais, em que pessoas foram presas, sim, sem se ter um disparo de bala. Isso já aconteceu de maneira recorrente na Bahia. Por que isso não é a regra?

Hoje, estão transformando até a nossa polícia investigativa, uma parte dela, em polícia ostensiva. É a política do massacre, são grupos que vão às comunidades disparar balas, supostamente preparados por uma inteligência que não poupa nem os policiais.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Para concluir, deputado.

O Sr. HILTON COELHO: Vamos lembrar da ação que foi feita no Subúrbio Ferroviário, onde se matou um policial federal e logo na esteira disso foram dezenas de execuções, que nós sabemos que não foram balas perdidas, foram balas que tinham um alvo certo, a nossa juventude negra e periférica.

Eu quero dizer, só para concluir, Sr. Presidente, algo emblemático sobre o desestímulo da polícia investigativa, sobre sua desestruturação, pois precisamos ver essa categoria da polícia investigativa sendo ouvida e sendo respeitada: existe uma tabela que garante o salário, a remuneração, de nível superior para investigadores e escrivães, por exemplo, da Polícia Civil, que é lei, está na Lei Orgânica da Polícia Civil da Bahia, e nunca foi respeitada, pelo contrário, são mais de 12 anos de desrespeito.

Hoje esses profissionais precisariam estar junto aos peritos da Polícia Civil, mas o governo rasga sua própria lei, rasga a legislação nacional e não reconhece...

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Deputado Hilton, eu preciso que V. Ex.^a conclua.

O Sr. HILTON COELHO: Só para concluir.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): V. Ex.^a já está com quase o dobro, ou mais, do tempo que V. Ex.^a tem.

O Sr. HILTON COELHO: (...) a principalidade da polícia investigativa para nós mudarmos essa rota de uma polícia que leva à frente um projeto de segurança pública, um modelo que mata, mata, mata e sacrifica a segurança pública, para privilegiar um modelo que entenda a segurança pública como direito da nossa população.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O.k.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Deputada Olívia, vai fazer uso da palavra?

A Sr.^a Olívia Santana (fora do microfone): Pode deixar o outro deputado falar, depois eu falo.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Com a palavra o deputado Leandro.

Está com um chapéu bonito, é do...? Eu pensei até que V. Ex.^a tinha mudado de lado. Mas V. Ex.^a pode ficar à vontade.

O Sr. LEANDRO DE JESUS: (Risos) Eu cumprimento todos os presentes, a imprensa, meus colegas.

Grande dia! Temos muito a comemorar, diferente do que foi dito pelo colega do Psol, que subiu aqui e faltou com a verdade para fazer acusações totalmente infundadas, tanto contra o Donald Trump quanto contra o nosso presidente Jair Messias Bolsonaro, sempre faltando com a verdade, fazendo acusações completamente desvirtuadas da realidade.

Bem, estou aqui com meu bonezinho vermelho, mas não é o vermelho da perversidade, da corrupção que imperam aqui, na Bahia e no Brasil; é o vermelho da vitória, porque a democracia respira no mundo, e, obviamente, essa vitória na América também se refletirá aqui no Brasil. Sabemos muito bem da importância da geopolítica e a influência dos Estados Unidos no mundo.

Eu vi aqui o meu colega deputado do Psol questionando o resultado das eleições. Mas, deputado, é o resultado do povo, o povo escolheu, é a democracia, não esqueça disso. Ou o senhor é a favor de ditaduras? Temos que perguntar, temos que questionar.

O povo americano mostrou exatamente o que quer para suas famílias: quer a liberdade, quer a defesa da vida, ou seja, são contra os abortistas. Inclusive, sabemos que tem, nesta Casa, aqueles que apoiam o assassinato de bebês no ventre de suas mães. Os americanos escolheram o desenvolvimento econômico, a liberdade econômica, a defesa da família, o conservadorismo, fazer permanecer, conservar, aquilo que deu certo ao longo da história.

É isso que incomoda a esquerda, é isso que faz dos deputados de esquerda desta Casa, sem conteúdo nenhum, esvaziados de si mesmos, propagadores de fake news,

de mentiras, enganadores. Eles vivem a enganar as nossas periferias, por exemplo, com as suas condutas e as suas falácias diárias nesta Casa.

Mas a verdade sempre prevalece, não há mal que dure para sempre, meus amigos. Sabemos que também lá, nos Estados Unidos, ocorreram injustiças e perseguições contra o Donald Trump, mas nada como o tempo. O tempo é o senhor do destino, o tempo faz justiça, e o Deus que eu sirvo é um Deus vivo.

Agora, os senhores subirão aqui, vão lamentar, mas, por favor, se for chorar, grava um áudio e manda para mim, que é para eu ficar rindo em casa. Se for chorar, grava um áudio – alô, esquerda! –, grava um áudio chorando e manda para mim, que é para eu ficar rindo em casa, porque eu estou feliz demais.

Eu nem dormi, acompanhando a apuração, mas, na madrugada, comemorei demais por essa grande vitória, volto a dizer e a repetir, a vitória da democracia, a vitória da liberdade. E esses que sobem aqui para criticar o resultado, é porque são a favor de quê? De ditaduras.

Se pudessem intervir, meter a mão no resultado das eleições americanas, se isso tivesse sob o poder deles, eu sei que eles fariam, iriam lá e meteriam a mão para mudar o resultado. Mas a realidade está lá, foi um verdadeiro atropelo. A esquerda americana, aliás, a esquerda mundial, com o resultado das eleições americanas... Foi um atropelo.

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

(...) E o Donald Trump volta... Peço também aqui, Excelência, a mesma extensão de tempo que foi dada ao colega anterior.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Será atendido, Excelência.

O Sr. LEANDRO DE JESUS: (...) Para a esquerda mundial, os militantes de toda ordem, foi um verdadeiro atropelo, eles foram atropelados porque, além da vitória esmagadora do presidente eleito,...

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

(...) Donald Trump vai ter maioria no Senado, ele vai ter maioria na Câmara dos Deputados, e a maioria no supremo tribunal americano é conservadora.

Pode esperar, que tempos de mudanças virão, e aí muitos vão chegar e vão dizer: “Ah! mas nós estamos no Brasil”. É mesmo? Estamos, graças a Deus, eu sou brasileiro e tenho orgulho disso, mas é óbvio, quem entende o mínimo de geopolítica sabe que esses tempos de mudança, em razão dessas eleições americanas, vão bater aqui na nossa porta e trarão bons ventos, boas novas virão para o nosso Brasil.

E aqueles muitos que se sentem ditadores, que perseguiram, que fizeram muitas perversidades e continuam a fazer vão ter que se dobrar porque os tempos estão mudando. Então, aceita, que dói menos.

Em breve, em 2024 aqui ainda está como em 2022, mas 2026 vem aí, e o atropelo aqui vai ser maior também, podem contar com isso. Jair Messias Bolsonaro vem aí, e a direita aqui no Brasil, os conservadores darão também o recado com a sua vitória avassaladora em 2026.

Mudando a temática, aproveitando aqui a fala do colega do Psol, que parece que não gosta de polícia, não gosta de segurança pública, não quer que a polícia

trabalhe, eu quero deixar registrado o seguinte: a nossa Polícia Militar, a Polícia Civil, as nossas forças de segurança, são verdadeiros heróis, heróis, porque estão combatendo essa criminalidade, essas facções.

E o partido que ele apoia, o governo que ele apoia, é o governo do PT, que abriu as portas para essa criminalidade. Então, se você faz críticas hoje, a sua mão está suja porque você faz parte desse governo, deputado, Psol.

Mas eu quero também deixar registrado: que a polícia faça o seu trabalho! Lugar de vagabundo, lugar de ladrão e lugar de assassino é a 7 palmos da terra. Eu prefiro ver um vagabundo, um bandido, morto a ver um pai de família sofrer as consequências dessa criminalidade.

É melhor que venhamos proteger a nossa sociedade de bem, quem trabalha, quem quer produzir, quem tem dignidade, do que subir aqui para fazer esse discurso vazio, que, no fundo e no raso, é para proteger vagabundo.

Então, eu quero parabenizar as nossas forças de segurança, a Polícia Militar e, no que depender de mim, contem com o meu apoio! Tem que fazer a limpa! “Passa o rodo!” Essas são as minhas palavras.

Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O.k., deputado Leandro.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Concedo a palavra agora à deputada Olívia Santana.

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Sr. Presidente, colegas deputados e deputadas, eu venho a esta tribuna, em primeiro lugar, para saudar o governador Jerônimo Rodrigues por uma iniciativa importantíssima, que valoriza a Assembleia Legislativa da Bahia, que foi a regulamentação do nosso projeto de lei que virou a Lei Estadual da Capoeira, celebrando a memória do nosso mestre Moa do Katendê.

Tenho muito orgulho de ser autora dessa iniciativa legislativa e de ter chegado ontem no bairro do Beiru, que hoje é conhecido como Tancredo Neves, e ter visto aquele Colégio Estadual de Tempo Integral Zumbi dos Palmares celebrando a memória do maior líder negro da história do Brasil, que, neste ano, vai ter o seu primeiro feriado nacional, também uma conquista da nossa luta política, que atravessa séculos.

Chegamos até aqui, e hoje eu quero celebrar e brindar esta conquista de todo o movimento negro organizado na nossa Bahia. Foi muito bonito e emocionante ver aquela escola entupida de capoeiristas, estudantes, professoras e professores fazendo parte daquele caldeirão cultural em favor da capoeira nas escolas e ver o anúncio, pela secretária de Educação, nossa querida Rowenna Brito, com esse quadro de mulheres, jovens, que se destacam na política com grande competência para a gestão.

Eu quero aqui celebrar e mandar o meu abraço à nossa secretária Rowenna, que fez, junto com a nossa secretária de Promoção da Igualdade Racial, Ângela Guimarães, o anúncio dos investimentos para o Novembro Negro, em especial, os R\$

18 milhões que vão financiar o Programa Capoeira nas Escolas. É algo que a gente tem, verdadeiramente, que saudar.

Quero agradecer a todos os meus colegas que acompanharam a nossa proposta, que votaram a favor do nosso Projeto de Lei Moa do Katendê, que é um projeto que nasce em parceria com a Salvaguarda – o Conselho Gestor da Salvaguarda da Capoeira na Bahia e o coletivo Capoeira em Movimento Bahia. Eu quero saudar, portanto, a mestra Princesa, presidenta da Salvaguarda, bem como Jacaré de Alabama, o nosso querido Jurandir, que esteve nesta Casa diversas vezes, zelando e lutando pela aprovação desse projeto de lei.

Então, eu celebro a memória do nosso mestre Moa, que faria 70 anos neste ano, bem como a memória do Mestre Pelé e de todos os nossos ancestrais que trouxeram a capoeira até aqui e dos que ainda estão entre nós, nos levando à construção de um futuro menos preconceituoso, no qual consigamos nos libertar do racismo.

Falando de racismo, quero lamentar o resultado das eleições presidenciais nos Estados Unidos. É verdadeiramente uma lástima para a humanidade esse resultado que promove e entroniza essa extrema-direita odiosa, que odeia negros, odeia pobres, odeia migrantes, odeia mulheres, que odeia tudo que significa uma luz civilizatória. Eles chegam apagando as luzes, eles chegam com truculência, com a festa das armas da indústria bélica. Estão celebrando verdadeiramente e feliz com a eleição do Trump. Aqueles que amam as guerras, que querem botar mais gasolina nas fogueiras que incendeiam o planeta, com certeza, vão celebrar, como já foi celebrado aqui desta tribuna.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Por incrível que pareça, nordestinos, negros, baianos estiveram celebrando a vitória de uma excrescência política, que é o que representa esse presidente eleito Donald Trump. Mas não vou gastar o meu tempo para falar sobre ele, porque a ele o que nós podemos reservar é a luta: a luta de resistência dos povos, daquelas e daqueles...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) que querem um planeta melhor, que lutam pelo fim da guerra na Palestina, que lutam pelo fim das guerras que ameaçam a existência humana, que lutam pelo fim – inclusive ou principalmente – do aquecimento global, a partir de uma agenda de reconstrução do planeta, sobretudo na pauta ambiental.

A eleição de Trump é um revés para a pauta do meio ambiente, para a pauta da vida neste planeta. E, portanto, nós temos, sim, que lamentar, porque quem elegeu o Trump não foi a democracia, foi a plutocracia. O planeta está cada vez mais dominado por um punhado de ricos – extremamente ricos – que controlam o fazer político, que definem resultados eleitorais.

Portanto, nós não podemos cair nesse conto da carochinha de que quem ganhou foi a democracia. A democracia – a verdadeira democracia – foi quem mais perdeu com a vitória de Trump.

Quero finalizar a minha fala saudando e me irmanando à luta dos nossos companheiros, nossos parentes indígenas que estão aqui à frente da Assembleia

Legislativa com o Acampamento Terra Livre e com uma agenda de luta por demarcação das suas terras.

Quero dizer que isso é muito importante. Sei que o governador esteve no acampamento hoje pela manhã – eu participei também da mesa de negociações – e recebeu os indígenas de diversas nações, mas nós temos de caminhar, avançar ainda mais, nacionalmente com a garantia da demarcação das terras de Barra Velha, Tupinambá de Olivença e Tupinambá de Belmonte, bem como as terras de Abaré para a nação Tumbalalá.

Portanto, tem muita luta ainda para garantir essa posse das terras, porque, ao longo de séculos, o Brasil viu tombar lideranças indígenas, lideranças negras quilombolas, lideranças do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que defendem um pedaço de chão para poder produzir, para poder morar, para garantir a sua vida. O Brasil – um país que não reconhece e que não democratiza as terras para que toda a sua gente possa viver com dignidade – não consegue afirmar um projeto civilizatório verdadeiramente democrático que garanta o melhor, a paz e a justiça no nosso chão.

Portanto, neste mês de novembro, a luta antirracista não deve ser pensada apenas na perspectiva da afirmação do povo negro, mas também do povo indígena que merece e precisa de toda a solidariedade, de todos os investimentos que forem necessários, porque o Brasil precisa substituir esse sistema racista excludente, garantindo o florescer de uma sociedade verdadeiramente democrática. A democracia pressupõe a justiça social. Sem justiça social não há democracia.

Viva ao Acampamento Terra Livre! Viva a Zumbi dos Palmares! Viva a Moa do Katendê! Viva ao povo que luta e continuará lutando na Bahia, no Brasil e em todo o planeta.

Muito obrigada.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O.k., deputada Olívia.
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): A deputada Fátima vai fazer uso da fala? A senhora veio toda de vermelho assim, mas foi em relação a Donald Trump? Não, né? Ah, foi a Donald Trump?! Então a senhora tem todo o tempo do mundo. (Risos)

A Sr.^a FÁTIMA NUNES: Boa tarde a todos e a todas! Sr. Presidente, nesta tarde, eu não poderia deixar de registrar que, como bem disse o nosso presidente Lula, respeitamos as decisões das urnas, porque isso é democracia. Mas é claro que a gente sente a luta e continua sendo solidária, junto das nossas companheiras mulheres, aqui, na Bahia, no Brasil e nessa América tão grande, dividida em três: América do Norte, América Central e América do Sul, onde nós estamos, neste nosso grande país, Brasil.

A gente percebe a força e a vontade de servir ao seu povo com bons propósitos de governar um país daquela mulher, Kamala, que resistiu a todo o processo eleitoral e chega nesse momento e ainda se vê que a vontade das pessoas que moram naquele país foi bem distante do que a gente queria.

Resta para a gente respeitar, mas não deixa de estar dentro do nosso coração grandes perguntas, grandes indagações: até quando a gente vai estar sem conquistar

o topo das decisões das nossas vidas, dos destinos do nosso país e dos outros países onde as mulheres ainda não alcançam – mesmo na disputa do voto, do debate público, das propostas –, não conseguem convencer da importância de mais mulheres serem governantes, do nosso projeto de um mundo mais justo, mais humano, com mais políticas públicas para reduzir as desigualdades sociais, reduzir a fome, reduzir as injustiças, reduzir as violências? Porque mulher não faz política para si própria, mulher faz política para toda a sociedade.

A gente acredita sempre que para fazer a sociedade do jeito que a gente quer tem de ter a participação do homem e da mulher. Fico muito triste quando uma mulher consegue estar à frente da disputa, mas na hora final da escolha, na digitação do número – e lá, nos Estados Unidos, a eleição é muito pior do que a nossa, que é rápida, pela urna eletrônica –, tem um resultado que não foi aquele tão desejado por ela, Kamala, e por aqueles que votaram nela. E, naturalmente, eu também confesso que fiquei muito sentida.

Quero também, neste momento, registrar mais uma vez a satisfação de, nesta manhã, ter acompanhado o nosso governador ao Acampamento Terra Livre, ao lado dos caciques, das cacicas, das lideranças indígenas, de conselheiros, Tupã e outros que fazem parte das organizações desse acampamento, e de ver como o nosso governador, o primeiro indígena governando neste país, nesta cidade, neste estado tão grande, quase do tamanho de um país, trouxe o seu secretariado de governo, de todas as pastas, para ouvir as demandas, mas também para preparar a ação de atendimento às políticas públicas que, certamente, vão se encontrando – não é? – com a carta, com o projeto, com os documentos que eles e elas prepararam para...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) entregar ao nosso governador.

Isso significa aquele reconhecimento de que o nosso povo, que é a nossa raiz, que está no sangue de muitos e de muitas, a cada dia mais conquista o seu espaço e o seu direito de viver com dignidade.

E como disse hoje, de manhã, o governador: “O barulho dos maracás é o barulho...”

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) de quem quer mais saúde, mais estradas, mais escolas, mais atendimento na segurança pública.” A gente luta, cada dia mais, para ver o nosso povo vivendo feliz.

Muito obrigada, presidente, por sua tolerância.

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): O.K., deputada Fátima. Deus continue abençoando a senhora.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Samuel Junior): Quero registrar a visita do vereador Adinilson, lá da cidade Vitória da Conquista, que foi reeleito para o seu quarto mandato e reside no povoado de Lagoa das Flores, ou seja, no bairro de Lagoa das

Flores, em Vitória da Conquista, bairro que conheço muito bem. Há tempos pedimos o auxílio do governo do estado para o esgotamento sanitário daquela região, para a drenagem.

Quando chove naquela região, tanto os assentamentos quanto as pessoas que moram naquele bairro sofrem muito. E já faz mais de 12 anos que foi dada entrada em projetos na Embasa, na Conder para que pudessem fazer uma estrutura naquele bairro e não se conseguiu. É uma luta, uma bandeira do vereador Adinilson e ele pode contar comigo. E eu reforço esse pedido aqui, na Assembleia Legislativa.

Lógico que já estarei encerrando. Mas também quero parabenizar o resultado democrático nos Estados Unidos. Um país que acaba influenciando todo o mundo, até por ser uma das, ou a mais importante, economia mundial. Agora, eu fico sempre muito surpreso não só com os discursos, mas até com algumas publicações que vi no dia de hoje de alguns políticos que são de bandeiras diferentes da de Trump e colocam tantos adjetivos.

Mas há 2 anos – quando eles estavam defendendo aqui aquilo em que eles acreditavam, defendendo o presidente em que eles acreditavam – nada disso o rotulava. Então, a gente percebe que o discurso e a prática não caminham juntos.

Mas isso faz parte da política, a gente tem a liberdade de nos expressar, e vamos “simbora”.

E eu termino a minha fala dizendo o seguinte, meu caro Armando: “Vamos 'simbora' que a mala está pronta.”

Deus abençoe!

Declaro encerrada a presente sessão.

Deixaram de comparecer à Sessão os(as) senhores(as) Deputados(as): Eduardo Salles (licenciado), Fabrício Falcão, Júnior Muniz, Luciano Simões Filho, Manuel Rocha, Marcinho Oliveira, Matheus Ferreira, Nelson Leal, Pedro Tavares, Ricardo Rodrigues, Roberto Carlos, Robinho e Rogério Andrade. (13)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.